

## **RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DOCENTES NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES**

AZEVEDO, Ana Lúcia de Faria

**GT:** Formação de Professores/n.08

**Agência Financiadora:** Não contou com financiamento.

### **Introdução**

Este trabalho<sup>1</sup> pretende contribuir para as discussões de propostas para a formação continuada de professores baseadas em relatos de experiências docentes. Alguns estudos como o de Cunha (1999), Bragança (1997), Collares, Moysés e Geraldini (1999), têm defendido que atividades que levam o professor a relatar suas experiências pedagógicas podem ser bastante formadoras a medida que se constituem num exercício de reflexão sobre o fazer docente, ao mesmo tempo que podem favorecer a sistematização de saberes experienciais<sup>2</sup>.

Nessas investigações, afirma-se que relatos de experiências docentes têm sido utilizados com sucesso como estratégia de formação, sobretudo do ponto de vista do narrador, no entanto seria também interessante refletir sobre as possibilidades de formação dessas ações para os ouvintes ou leitores destas narrativas. Será que os docentes que porventura ouvem ou lêem estas narrativas acreditam que isto seja formador para si? Se acham que são, como esta formação se daria? Que significados os ouvintes/leitores atribuiriam ao contato com estas narrativas?

Questões como estas foram nosso objeto de reflexão neste texto que apresenta e analisa o depoimento de 5 professoras que constituíram o público de uma atividade de formação docente em serviço baseada na apresentação de relatos de experiências pedagógicas na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte (RMEBH).

### **O campo de investigação e a pesquisa**

Investigando uma atividade voltada para a formação docente realizada pelo CAPE<sup>3</sup> na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte (RMEBH), que se baseava na apresentação de relatos de

---

<sup>1</sup> As questões abordadas neste texto fazem parte de uma pesquisa realizada no Curso de Pós-graduação da FAE/UFMG, que resultou na dissertação " Rede de Trocas: um estudo sobre os significados das narrativas de experiências na formação docente.", defendida e aprovada em Dezembro de 2003.

<sup>2</sup> Saberes experienciais, segundo Tardif (2002:39), é o conjunto de saberes atualizados, adquiridos e requeridos no quadro da prática da profissão docente e que não provêm das instituições de formação ou dos currículos. São saberes formados por todos os demais, reintroduzidos e submetidos às certezas construídas na prática e no vivido.

<sup>3</sup> - O Centro de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação(CAPE) é uma instância da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte ( SMEDBH), criada em outubro de 1991, responsável pela formulação e promoção das ações de formação continuada destinadas aos profissionais da Rede Municipal de Ensino (RME).

experiências docentes, procuramos ouvir as professoras<sup>4</sup> que dela participaram como espectadoras, permitindo assim que estas falassem o que pensavam sobre esta atividade, denominada Rede de Trocas.

A Rede de Trocas foi realizada pelo CAPE entre 2000 e 2001 e pode ser descrita resumidamente como uma apresentação de narrativas orais e escritas de experiências de professoras e escolas na tentativa de organizar a vida escolar e equacionar problemas pedagógicos. Esta atividade era constituída por dois momentos: a elaboração do relato escrito, realizada pelas professoras de uma escola e o momento de apresentação pública deste relato, feita oralmente.

O evento de apresentação do relato oral, ponto culminante da atividade, se constituía, por sua vez dos seguintes momentos: em primeiro lugar, as profissionais das escolas, (professoras, diretoras, coordenadoras) falavam um pouco da história e das características de sua escola e depois falavam sobre a experiência pedagógica em questão. Em seguida, uma mediadora convidada comentava a experiência, ressaltando o que considerava importante do ponto de vista dos processos e práticas pedagógicas no contexto educacional. Por último, os organizadores abriam espaço para o debate, em que a platéia, formada de professoras da RME, podiam fazer perguntas por escrito ou oralmente e debater com as relatoras e a mediadora sobre o que foi contado e comentado.

Esta pesquisa foi realizada por meio de uma abordagem qualitativa e trata-se, pois, de um estudo de caso, em que a unidade é a Rede de Trocas, aqui considerada como modalidade de trabalho com formação continuada de professores, no universo das estratégias que o fazem através de relatos de experiências.

Esta pesquisa não teve a intenção de se tornar representativa do ponto de vista estatístico, o que se revela na despreocupação com aspectos relativos à amostragem. A natureza e o propósito desta investigação apontaram para uma escolha múltipla de procedimentos e instrumentos de coleta de dados. Assim, a realizamos através de observação direta das reuniões para organização da Rede de Trocas e dos eventos de apresentação do relato oral, de entrevistas semi-estruturadas com 3 gestoras/organizadoras, 5 professoras relatoras e 5 professoras espectadoras; e por fim, da análise de documentos escritos e audiovisuais.

Para a subsidiar as análises que constituem este artigo, utilizaremos somente as informações que foram coletadas através das entrevistas semi-estruturadas, procurando fazer emergir os significados que os sujeitos envolvidos na Rede de Trocas atribuíram

---

<sup>4</sup> Como a grande maioria das pessoas que participaram da Rede de Trocas foram mulheres, usaremos os substantivos e adjetivos referentes a esses sujeitos sempre no feminino.

às suas ações e às situações por eles vivenciadas durante a realização desta atividade. É preciso esclarecer que trabalhamos com a noção de significados na perspectiva de Schutz (1972:62) que relaciona este conceito à capacidade que os seres racionais possuem de compreender e explicar suas vivências do mundo, através de esquemas interpretativos. Esse processo se daria, segundo o autor, por meio de um ordenamento, uma classificação e uma identificação dessas vivências com múltiplas experiências passadas. Isso permitiria aos indivíduos fazerem uma síntese de reconhecimento, referenciando o novo, o que foi apreendido pelos sentidos (desconhecido) pelos esquemas de experiências passadas (conhecido). De acordo com Schutz (1972:107), a atribuição de significados corresponde a uma auto-interpretação de suas experiências pelos indivíduos.

Assim ao pedirmos as professoras que falassem sobre a experiência de assistir à Rede de Trocas, fizemos com que estas refletissem sobre ela, dirigissem seu olhar conscientemente para alguns de seus aspectos e explicassem as condutas, o contexto, os motivos que a constituíram.

#### **A Rede de Trocas: sujeitos e significados**

Com a Rede de Trocas, o CAPE pretendia não só favorecer o diálogo entre os professores da RMEBH em torno das práticas consideradas exemplares, com também divulgá-las oferecendo referências para a atuação dos docentes de acordo com os princípios defendidos pela política educacional da Secretaria, que se materializavam no Programa Escola Plural.<sup>5</sup>

Estas eram as intenções das gestoras da SMED ao proporem uma atividade como a Rede de Trocas, mas o público pode ter dado diferentes interpretações a sua experiência de participar desta atividade. Vejamos o que nos mostram os depoimentos das espectadoras<sup>6</sup> dos relatos que apresentaremos em seguida.

---

<sup>5</sup> O Programa Escola Plural é Programa Político Pedagógico implantado na RMEBH a partir de 1995. As escolas que foram escolhidas para relatar estavam realizando experiências de reestruturação e flexibilização de tempos, espaços e atividades pedagógicas, de acordo com os princípios desse programa, que se referem à valorização da diversidade cultural, à pluralidade de fontes de informação e conhecimento; ao respeito aos diferentes ritmos de aprendizagem, à necessidade de se efetivar o processo de inclusão de crianças, jovens e adultos até então excluídos da educação escolar, à recuperação dos vínculos entre prazer, a emoção e conhecimento, à preocupação com a globalidade dos processos de formação e à necessidade de investimento na formação em serviço de professores.

<sup>6</sup> Os depoimentos foram transcritos respeitando-se a maneira de falar dos depoentes.

Começaremos pelas considerações de Alessandra<sup>7</sup>, sobre o que significou para ela ter participado deste evento:

*“Achei interessante. Não é, não achei nada novo, não teve nada inovador, sabe. Mas eu achei interessante. A grande dúvida que ainda tenho, a grande lacuna que ficou, é a questão do quê fazer com os alunos que não conseguem, que não tem o mesmo ritmo, são, vamos dizer assim, marginalizados. Como é que a gente trabalha com esses meninos? Eu vi algumas histórias interessantes, tipo assim, eles, fizeram uma guerra de comida na hora do recreio, na cantina, e aí foi feito uma assembléia. Então eu achei interessante a medida de promover uma assembléia, de colocar, de expor o problema, não ficar restrito a uma meia dúzia de pessoas e se decidir arbitrariamente. Eles fizeram uma assembléia, a escola toda, todos os alunos, professores, os funcionários participaram dessa assembléia, e lá eles discutiram. Então esse ponto eu achei assim, fantástico. Então a única coisa nova, interessante foi essa daí.*

*Agora o relato, olha eu acho que é bom a gente relatar algumas coisas da escola. Tem a questão da angústia, acho que a gente precisa falar das angústias, dos problemas que a gente tem, como é que a gente tenta resolver. Talvez essa solução que tem numa escola, não serve, não se adapta a outra, mas pode ser que pensado de jeito diferente tenha algumas coisas interessantes. Eu fui em duas Redes de Troca, uma que foi sobre a dos Educação de Jovens e Adultos, da inclusão dos surdos. Mas como eu já conhecia a escola, eu já sabia como é que eram as angústias, as dificuldades que tinha de você trabalhar na sala com intérpretes. Mas é aquilo que eu te falei é difícil você chegar lá e ouvir o que a escola tem para falar e às vezes a gente fica com medo de falar dos pontos negativos. Eu até perguntei pra ela( relatora) uma hora lá, como é que ela vai fazer com alunos que querem, por exemplo, fazer um segundo grau, um ensino médio e fazer faculdade depois. Será que esses alunos lá, a gente tá formando esses alunos para ter essa consciência que eles podem, eles conseguem, eles têm capacidade pra isso, ou, a gente está falando, não, fica aí bonzinho, que vamos dar um básico pra você. Então isso, nunca é respondido. Isso é questionado e as pessoas parecem que têm medo de falar sobre isso . Então eu achei que nesse ponto eu fiquei até frustrada, porque ela( a relatora) não conseguiu responder. Eu perguntei, fiz uma pergunta por escrito, falei, perguntei, como é que ela ia tratar, como é que, eu não consigo achar a palavra, como é que é mesmo, como é que ela ia suprir todas as necessidades de um aluno. E eu já conhecia e eu tenho dois amigos, dois conhecidos que dão aula lá. Então eu já conhecia muita coisa de lá. E aí eles contaram assim que tinham meninos que pichavam a escola e que agora não pichavam mais. Então eles estão fazendo isso, mas e a construção do conhecimento? Como é que está sendo? Isso eles não contaram. Eles mostraram projetos bonitos, trabalhos bonitos, que os meninos desenvolveram, mas que em qualquer livro você acha isso. Então de, novo eu não achei nada . Mas como eles vão suprir essa deficiência aí? Será que vai ficar só no trabalho, e o menino vai terminar ali o terceiro ciclo e pronto, isso eles não mostraram não. Mas foi válido, eu achei válido porque, primeiro, eu conheci mais da escola, você acaba conhecendo mais da escola, conhecendo alguns problemas que são parecidos com os nossos. Eu acho que é importante a gente se colocar aí. Porque a gente fica muito isolado, muito lá, muito cá. Então assim tem que haver uma interseção*

---

<sup>7</sup> Alessandra é formada em Matemática e tem especialização em Física, tem 38 anos, 12 de magistério, é solteira e trabalha 45 horas semanais em duas escolas de Ensino Fundamental e Médio.

*assim, tem que ter uma união pra saber o que está acontecendo, se não como é que vai ficar?*

Nestas considerações Alessandra reconhece que, mesmo não apresentando novidades, a Rede de Trocas trouxe referências. A professora Alessandra parece acreditar que a Rede de Trocas é uma boa iniciativa da SMED porque ela permite que os professores falem de seus problemas, de suas preocupações, que são bastante parecidos, como ela mesma disse. Foi dito também que o relato que ouviu foi proveitoso no sentido em que pôde ver e ouvir coisas interessantes, por exemplo, como os relatores lidaram de uma maneira positiva com uma situação difícil. Por outro lado, ela disse que as relatoras não tocaram em questões consideradas fundamentais, se limitando a mostrar projetos bonitos como se pode ver em livros, mas sem responderem a questão crucial que ela fez por escrito. Este depoimento nos mostra primeiramente que a professora foi à Rede de Trocas em busca de novidades e em busca de respostas para questões que a afligiam e parece não ter encontrado lá nenhuma das duas coisas.

Esta situação nos remete a uma questão que sempre estará presente quando se fala em narrativas de experiências. A narradora escolheu o que ia contar de acordo com um plano, um projeto pessoal que ela tinha para sua narrativa. Ela não contou tudo que lhe aconteceu, mas aquilo que ela desejava que o espectador soubesse. Por outro lado a espectadora também tinha expectativas em relação à narrativa que iria ouvir. Expectativas que estavam relacionadas às suas experiências pessoais e as indagações que estas colocaram diante dela. Como explica Lima (2003:45):

” Mesmo sendo exaustivos, nos deparamos com interlocutores (ouvintes, leitores) que dão por falta de algo que não encontraram narrado, porque tinha uma expectativa diferente da que motivou o locutor... Às vezes, não se narra aquilo que cada um quis ouvir, nem tudo que se tinha para contar.”

É possível, então, que tenha havido um desencontro de expectativas, choques de opiniões dentro dos recortes que uma narrativa como esta privilegia. Ao mesmo tempo a menção de Alessandra às suas expectativas não atendidas pela Rede de Trocas nos lembra que as ações de formação de professores bem sucedidas, em geral, consideram as preocupações imediatas dos docentes

Sendo assim, não é uma questão de menor importância o fato de uma ação de formação não ajudar os professores a equacionarem alguns problemas que os

atormentam. Sabemos que não é possível ter resposta para todas as dúvidas que nós temos em relação à educação, elas crescem numa progressão geométrica enquanto às soluções nos chegam numa escala aritmética. No entanto, as atividades de formação mais bem sucedidas geralmente são aquelas que consideram e examinam com atenção tudo que os docentes vêem como um obstáculo, uma dificuldade para a realização de seu trabalho.

Outro aspecto a ser lembrado é que numa situação em que se trabalha com narrativas é preciso atentar para a fundamental relação entre o relato e seu destinatário, esteja ele na condição de leitor, ouvinte ou espectador. Benjamim (1985: 37) falou sobre o declínio da capacidade de comunicação do homem moderno e o fim da experiência coletiva, que se expressariam, de certa forma, na decadência da narrativa concebida como resultado do que se aprende na vida social. A narrativa não seria mais possível se o ouvinte e narrador não partilhassem de uma experiência comum. Para partilhar das experiências é preciso compreendê-las, por isso o relato deve ser claro para o ouvinte e deve também, segundo o público da Rede de Trocas, falar dos problemas, das dificuldades que os professores enfrentam, para que todos possam se identificar com essas narrativas de experiências.

A professora Alessandra reconheceu importância deste espaço como uma forma de romper com um certo isolamento em que podem viver os professores que não têm oportunidade de discutir sobre as questões que os afligem. Este isolamento de que ela fala poderia ser explicado pela ausência de canais de comunicação entre as escolas, que pode ser visto até mesmo, como uma forma destas se protegerem de críticas e de interferências externas. Seja qual for o motivo, o mais importante é que este isolamento pode ser considerado problemático pois afasta a possibilidade de partilha entre os pares no que concerne à sua competência e ao mérito de suas ações, ou ainda no que concerne o valor dos saberes que eles vêm construindo na luta com os desafios cotidianos. Ao mesmo tempo, pode faltar ao docente o apoio de referências em sua luta para resolver as dificuldades que enfrentam, fazendo com que ele sinta-se solitário, impotente diante de graves problemas.

Mas ao mesmo tempo que a oportunidade de falar das angústias é considerada importante por Alessandra, esta também indica que sente falta de momentos em que ela possa obter respostas às suas perguntas. Atividades que apenas permitam “desabafos coletivos”, não lhe parecem satisfatórias.

Apesar de não ter obtido respostas para todas as questões que considerava fundamentais, Alessandra parece ter visto algumas ações da escola expostas no relato como possibilidades de soluções plausíveis e eficientes. Para ela este fato por si só, confere validade a iniciativas como Rede de Trocas, por elas proporcionarem a oportunidade de estabelecer com colegas uma relação de partilha de experiências, de auxílio mútuo, que poderia conduzi-los a uma disponibilidade maior para se arriscar por caminhos diferentes, com mais confiança de que se possa ter mais sucesso diante das situações difíceis. Isso sem que haja apenas uma transposição acrítica das mesmas práticas para situações diversas.

Sabe-se que ações de formação que favorecem a comunicação entre os professores permitem que eles conheçam novos procedimentos e os tomem como referências para criar outras práticas que atendam à sua realidade específica. Esta possibilidade nos remete ao que disse Benjamim (1975: 39), que concebe o ato de narrar com um ato de trocar experiências, no qual o narrador retira o que conta dos

acontecimentos em que vive, ouve a matéria para o que vai contar, sempre com a intenção, ainda que não explicitada, de dar exemplo moral ou prático. E essa troca se daria ainda não só porque a narrativa inclui o vivido e o ouvido pelo narrador (a própria experiência e a experiência alheia), mas também porque ela incorpora à narração a experiência de quem ouve, pois se narra aquilo que pode interessar aos outros por diversos motivos ligados ao acervo de suas próprias experiências de vida. E assim ao mesmo tempo, a narrativa permitiria ao ouvinte/ leitor percorrer os caminhos percorridos pelo narrador, interpretando os acontecimentos com a ajuda de suas próprias percepções e conhecimentos, podendo ainda inscrever o contato reflexivo com a narrativa no seu próprio rol de experiências (Marques 1998: 281).

Diante disso, apresentamos o que a docente nos fala sobre as lições que tirou da narrativa que ouviu na Rede de Trocas:

*“ Por exemplo, algumas coisas que eu vi lá, eu falei assim comigo, porque eu não pensei nisso. Então eram coisas que eu já conhecia, mas eu não tinha colocado em prática ainda . Ai comecei a fazer. Tem muita coisa que eu faço, como essa assembléia de alunos. Quando tem algum problema na sala eu paro, vou conversar com os meninos.*

*Eu acho que isso ( a Rede de Trocas) contribui para a formação porque eu acho que sempre que você ouvir, mesmo que não leve tudo, não ponha tudo ao pé da letra, alguma coisa você acaba assimilando. Eu acho que contribui sim. Olha para mim, no meu caso contribuiu sim, apesar de ter ido apenas uma vez , a outra eu fui como membro da escola (relatora), pelo menos as vezes que eu participei achei muito interessante.*

Outros depoimentos de espectadoras entrevistadas nos sugerem que sentidos diversos foram dados por elas a sua participação nas Rede de Trocas. Vejamos estes depoimentos, começando por Aurora <sup>8</sup>:

*“Gostei muito, todas nós aqui. Depois a gente teve uma reunião e comentou se foi válido, e a gente chegou a conclusão que foi. É especificamente mesmo esse projeto deles, interessou bastante. Tanto é que aquilo que eu falei, depois até procurei comprar coisas, o livro do MST, me informar melhor, tentar trabalhar alguns textos com os alunos. Porque é um tema, principalmente nosso caso, que trabalhamos com adultos, que a gente está sempre buscando isso, o atual, de conscientização mesmo. Eu acho excelente. Porque é isso, de repente é um outro olhar diferente do seu. Naquele momento, você pensa: nossa não pensei nisso! E é interessante, é um acréscimo...*

*E acho que ela (a Rede de trocas) ajuda na formação principalmente porque você sabe que teve sucesso ali. Então, você acredita mais, tem credibilidade mesmo...*

*Eu só participei daquele( evento). Fiquei muito satisfeita de ter participado. O único problema é esse acesso mesmo que do professor, é difícil sair uma pessoa da escola. A gente gostaria de participar mais mesmo, com frequência. Nós fomos tentando buscar uma alternativa de trabalho escolar mesmo. E infelizmente foi o único dia que a gente pôde ir, porque neste dia teve que dispensar os alunos para podermos participar e estas coisas na escola são*

---

<sup>8</sup> A professora Aurora é formada em Pedagogia, tem 32 anos, 6 de magistério, é casada e trabalha 45 horas semanais com Alfabetização na Educação de Jovens e Adultos na RMEBH.

*complicadas. Mas o nosso interesse maior foi buscar informação. Você vai na esperança de buscar uma luz para o seu trabalho. ”*

Aurélia<sup>9</sup>, outra espectadora da Rede de Trocas também nos revela como interpretou u sua participação neste evento:

*“ Eu realmente quis ir... Eu acho que foi importante porque como aqui na escola a gente não trabalha com deficiente visual eu comecei a ver o que é um deficiente. E que pouquíssimas pessoas trabalham com esse tipo de deficiência, pouquíssimas. Eu acho que assim, veio me despertar pra esse lado da deficiência visual. Porque quem trabalha na área de deficientes de portadores de necessidades especiais precisa estar sempre atento a isso. Muitas vezes a gente tenta selecionar mesmo dentro da própria escola e isso não é possível. A gente sabe que está sujeito a receber qualquer tipo de deficiência na escola. Então eu acho, que a escola apesar dela falar que ela abre o leque, que ela recebe qualquer tipo de deficientes não é bem assim não.*

Estes depoimentos trazem informações que nos ajudam a perceber que os espectadores da Rede de Trocas acreditaram ser proveitoso a oportunidade de aprender sobre certas especificidades do trabalho educativo com as quais não têm familiaridade como a professora Aurélia que foi buscar informações sobre trabalho com deficientes visuais, como uma forma de começar a se qualificar para lidar com uma situação de trabalho com a qual gostaria de lidar futuramente, que é ensinar para estes alunos. A Rede de Trocas, neste caso serviu para que ela conseguisse ser introduzida num assunto que a interessava, mas sobre o qual conhecia pouco. Nesse caso, a participação da Rede de Trocas impulsionou a sensibilidade da professora em relação à diferença.

Por sua vez, a professora Aurora disse que utilizou o que ouviu na Rede de Trocas como referência para seu trabalho com um tema, que ela considerava pertinente para os interesses dos seus alunos, como a Reforma Agrária, mas não sabia como trabalhá-lo em sala de aula. O que ela viu e ouviu ao assistir ao relato na Rede de Trocas estimulou-a não só a trabalhar textos sobre este esse assunto muitas vezes considerado difícil e polêmico, mas a se preparar melhor para lidar com ele, buscando informações sobre o assunto e investindo nisso com a compra de livros.

Assim, de acordo com o depoimento de Aurora, a Rede de Trocas pode ter trazido novos temas para os conteúdos escolares e também pode estar formando um

---

<sup>9</sup> A professora Aurélia é formada em Pedagogia, tem 33 anos, 11 de magistério, é divorciada, tem 2 filhos e trabalha 45 horas semanais numa escola de Educação Especial da RMEBH.



profissional para tratar de assuntos contemporâneos que nem sempre cabem nas grades curriculares oficiais das escolas

Mafalda,<sup>10</sup> outra professora espectadora da Rede de Trocas falou sobre a possibilidade desta atividade funcionar ainda como incentivo para que os professores não se acomodem e continuem lutando para realizarem aquilo em que acreditam. Observemos seu depoimento:

*“ O relato demonstrou para mim que a gente tem que ter coragem de inovar. Porque a coragem que as professoras tiveram de colocar para funcionar a escola atrás da igreja. E acontece muito isso, às vezes, o educador vive de sonhos e não tem coragem de tornar aquilo realidade. Ali a gente consegue ver que é possível sim.”*

Esta professora nos mostra através de seu depoimento que a disposição das relatoras para trabalhar com os alunos em condições precárias foi interpretada por ela como um exemplo de coragem. A imagem positiva da professora que o relato revelou, pode ter sido sentida como uma representação que se reflete na auto-imagem de todas as professoras. É possível que a Rede de Trocas signifique para as docentes da platéia uma oportunidade de ver uma figura de professora com quem é prazeroso se identificar.

Ao mesmo tempo esta maneira de ver a situação relatada, em que os problemas enfrentados são resolvidos com atos de coragem, pode também estar relacionada a uma concepção voluntarista da ação docente diante das dificuldades por que passa a Educação neste país, muitas vezes, estimulada pelas instâncias governamentais. Este tipo de pensamento sugere que para que sejam vencidos os obstáculos que dificultam a realização do trabalho docente, basta que o professor tenha disposição, criatividade e coragem de ousar. E portanto a sua vitória sobre estas situações adversas à aprendizagem dos alunos e a garantia de acesso e permanência destes à escola, dependeria mais das qualidades pessoais demonstradas pelos professores do que de outros aspectos, que são responsabilidade dos poderes públicos. Talvez seja possível pensar que algumas iniciativas de divulgação de relatos de experiências docentes, ao mesmo tempo que tenham a intenção de valorizar a ação docente, pretendam também formar um tipo de professor que incorpore estas idéias.

Apesar de ter considerado o relato que ouviu nesta Rede de Trocas um exemplo inspirador, a professora Mafalda nos toca num aspecto problemático em relação à repercussão desta atividade nas escolas da RME. Comentando sobre a possibilidade de contribuição dos relatos para seus colegas de escola, que não tiveram a oportunidade de presenciá-lo, ela disse:

*“ Não, não dividi, não socializei isso ( o que ouviu na Rede de Trocas) muito bem com a minha escola não. Falei que são momentos riquíssimos que acontecem lá dentro do CAPP<sup>11</sup>, que no caso, me propiciou esse momento ( assistir ao evento) e eram coisas muito*

<sup>10</sup> A professora Mafalda é formada em História, tem 37 anos, 02 anos de magistério, é casada e trabalha 22:30 horas semanais em uma escola de Ensino Fundamental e Médio da RME.

<sup>11</sup> CAPP – Curso de Aperfeiçoamento da Prática Pedagógica. Este é um curso de 180 horas realizado pelo CAPE para professores da RME. A professora Mafalda assistiu ao relato como parte das atividades deste curso, do qual participava naquele ano.

*interessantes que estavam sendo discutidas e que a gente estava perdendo tempo em não participar.”*

Em seu depoimento, Mafalda afirma não ter passado as informações sobre o relato aos colegas, esta atitude não parece ser fruto de um menosprezo pelo que ouviu na Rede de Trocas. Antes parece, que isso resulta do fato dela acreditar que era importante a presença dos professores de sua escola neste evento, para ouvir pessoalmente o que foi contado. É possível que a professora esteja mostrando os limites das atividades da formação docente que se baseiam na lógica da representatividade, ou seja, um sistema em que alguns professores são chamados a participarem das ações como representantes de suas escolas, esperando assim, que eles possam repassar o que viveram para seus colegas que não puderam participar.

É possível afirmar que esta estratégia, em geral, não funciona muito bem em se tratando de formação docente porque mesmo que o repasse seja feito com muita competência, ele é feito em outro contexto, outro tempo, outro espaço, para um grupo com uma expectativa diferente daquela existente entre os integrantes da Rede de Trocas. Além disso, a narrativa da professora recontada por alguém torna-se uma narrativa de segunda mão, acompanhada de outro tipo de emoção, envolvimento, desejo e interpretação. Por outro lado as escolas também parecem ter dificuldades de organizar seus tempos de modo a favorecer a frequência dos professores às atividades de formação propostas para eles, sem que o funcionamento cotidiano da escola seja afetado negativamente pela saída dos professores por causa destas atividades. E talvez haja dificuldade também de potencializar o que esses docentes possam aprender individualmente nestas atividades, de modo que isso reflita no avanço da organização escolar em geral. Estas são questões práticas que ainda precisam ser consideradas na organização de atividades de formação em serviço.

Finalmente, apresentaremos ainda o depoimento de outra docente que constituiu o público da Rede de Trocas. Vejamos o que Gardênia<sup>12</sup> pensa sobre esta atividade:

*“Eu achava e acho interessante. É, fica mais legal quando a gente faz uma visita a escola. Ouvir as pessoas, falar, nunca é igual a estar lá, a vivência do dia a dia. Então a experiência como foi relatada, parecia ser muito interessante. Fiquei com vontade de ir a escola, de saber do cotidiano mesmo, de estar lá. Eu achei interessante. Essa troca de idéias é, de certa forma, eu trouxe algumas questões para discussões aqui no Imaco, umas questões de grade curricular, de organização de tempo da escola, e a gente também estava trabalhando aqui com esse tipo de reorganização. Então muitas idéias que eu tive nesse dia, eu trouxe pra cá, coloquei pro grupo, como era lá. Como eu tinha ficado sabendo. Então eu achei que foi bastante proveitoso.*

---

<sup>12</sup> A professora Gardênia é formada em Matemática, tem 40 anos, 17 anos de magistério, é casada, possui 1 filho e trabalha 20 horas semanais numa escola da RMEBH de Ensino Fundamental e Médio e 17 horas semanais numa escola da Rede Particular.

A professora Gardênia disse que achou proveitoso a oportunidade de conhecer a experiência de outra escola, ainda mais, que estas experiências poderiam ser uma referência para o processo de reorganização pela qual a sua própria escola estava passando.

Esta professora falou também que ouvir o relato despertou-lhe o desejo de conhecer a escola dos relatores, ver como esta funcionava na realidade cotidiana, demonstrando que entendia, que um relato não correspondia exatamente aos fatos como haviam ocorrido, mas `a maneira como as relatoras os percebiam. Ela mostra-nos, então, que as possibilidades formativas do trabalho com relatos de experiências residem mais na troca de idéias sobre elas, do que na simples divulgação de uma certa realidade escolar. Gardênia aponta ainda como essa troca de idéias realizada na Rede de Trocas pode ter desdobramentos positivos, tais como, alimentar as discussões, em outras escolas da RME, sobre diversos assuntos relacionados à organização e ao desenvolvimento do trabalho pedagógico, como neste caso caso. Enfim, ela aponta que, para contemplar a questão central da formação seria preciso que as professoras da RME não só viessem assistir à Rede de Trocas, mas também pudessem estabelecer um diálogo mais aprofundado com as relatoras.

Diante disso é possível pensar que se não for garantido este tipo de interação entre relatores e público, uma atividade como esta corre o risco de se tornar muito mais uma estratégia de marketing ou um espetáculo, do que uma atividade de formação. Portanto, atividades como a Rede de Trocas devem permitir o aprofundamento das interpretações, das discussões para que não se tornem um simples momento de exposição superficial e assistência passiva dos espectadores.

Continuando a analisar a participação do público na Rede de Trocas, uma das coisas que nos chamou a atenção durante as entrevistas com as professoras espectadoras da Rede de Trocas, foi a dificuldade que estas tiveram para se lembrarem de maiores detalhes do evento. Com a professora Gardênia também aconteceu isso, ela inclusive afirma que o relato influenciou seu trabalho, mas não sabe precisar em quê. Vejamos o que nos disse sobre esta questão:

*“Da maneira que eu te disse antes, eu vim pra escola e trouxe algumas idéias interessantes, fiz algumas anotações. Nas discussões aqui da escola, eu coloquei algumas idéias.. Tem mais de um ano, então fica difícil mesmo de perceber o quê foi que exatamente me marcou. Mas me lembro de ter achado muita coisa interessante, principalmente na organização do tempo. Não posso especificar com você, quais foram as fontes que eu trouxe pra cá, pra escola. Mas me impressionou porque era uma escola completamente diferente do que era aqui, na minha escola, na época..”*

Talvez seja interessante pensar se esta dificuldade da professora em se lembrar do que a tocou mais, não coloque em cheque a afirmação anterior de que o relato foi proveitoso. Seria possível dizer que o fato de ter se esquecido de detalhes, significa que foi inútil para Gardênia, ouvir a experiência da outra escola? Podemos interpretar seus elogios à atividade como uma maneira de disfarçar uma situação como esta, da qual ela se envergonhasse?

Acreditamos que não. Não se lembrar com clareza de acontecimentos passados, não significa exatamente que eles foram insignificantes. Pode ser que os pontos que ficaram em sua memória da Rede de Trocas se resumam ao registro de uma atmosfera favorável ao conhecimento de coisas novas, diferentes das que estava acostumada a ver em sua escola. Talvez não seja preciso esperar que a partir do que tenha visto ou ouvido na Rede de Trocas, os professores revolucionem seu próprio trabalho e o da sua escola. Quem sabe a sensação de ter ouvido coisas no relato que provocou-lhe o desejo de contá-las para seus pares não seja já um bom motivo para que Gardênia possa afirmar que esta atividade lhe tenha sido proveitosa ?

Tem-se que uma atividade voltada para a formação docente pode ser vivenciada de diversas maneiras pelos professores que dela participam. A apropriação das informações que circulam ali, os usos que se fazem do que pode aprender com as situações vividas obedecem muitas vezes a uma lógica pessoal, que escapa ao controle e a capacidade de previsão de quem promove as ações de formação.

Em síntese, podemos dizer que foram muitos e variados os significados atribuídos pelas professoras que participaram da Rede de Trocas como espectadoras. Esta atividade revelou-se para elas uma oportunidade de conhecer práticas docentes bem sucedidas e formas diferenciadas de lidar com os elementos da realidade escolar. Elas identificaram os eventos como momentos em que puderam entrar contato com os colegas de outras escolas da RMEBH, conhecer mais sobre seu trabalho e discutir problemas comuns. A atividade foi percebida também como uma oportunidade de ver os professores sendo mostrados de maneira positiva, como profissionais capazes, criativos e dedicados.

### **Considerações finais**

A Rede de Trocas parece ter sido, em geral, percebida como uma atividade formadora pelas professoras entrevistadas. É possível dizer ainda que duas características desta atividade, em especial, podem ter facilitado de alguma forma o desenvolvimento de uma certa empatia dos participantes em relação a ela.

A primeira delas foi o fato de que a Rede de Trocas se propôs a criar, através dos eventos de apresentação dos relatos orais, situações coletivas, que permitissem aos professores reconhecerem os saberes, as capacidades e os valores que acumularam

durante sua trajetória de vida, através das experiências pelas quais passaram e das relações que estabeleceram com outros indivíduos ou grupos. Talvez esta atividade tentasse realizar o que defendem autores como Arroyo (1999:154) que recomenda:

“Trata-se de inverter prioridades... Criar um clima propício ao reencontro com sua identidade, com os saberes coletivos que vêm de longe e que foram aprendidos em múltiplas relações humanas e educativas. Trabalhar as competências nas práticas em que se expressam. Por aí afastamo-nos de uma concepção pontual, conjuntural de qualificação e do ofício de educador, sempre incerto, mutável, à mercê da última lei, da última reforma e do último currículo ou didática.”

A segunda característica se refere a à tentativa de valorizar o professor através da apresentação e discussão das práticas docentes como a base essencial para a formação docente. Novamente citamos Arroyo (2000:151) que escreveu :

“em primeiro lugar o professor se afirma como um profissional de práticas, de escolhas. Entendemos melhor esta centralidade no cotidiano da escola e de nosso ofício. Não que sejamos práticos aplicadores de receituários, mas recuperamos as práticas em suas dimensões teóricas, políticas, éticas, identitárias e sobretudo educativas. Deixamos de ter uma visão pobre da escola e de nosso fazer. Recuperamos a ação educativa como ação humana, a escola como seu espaço e nós como profissionais de ações, de intervenções e escolhas permanentes.”

É importante que se leve em conta que as questões relacionadas às práticas docentes encontram sempre um apelo muito grande para os professores, talvez pelo fato de que a maneira como realizamos nosso trabalho é um elemento definidor de nossa identidade profissional.

Assim ousamos dizer que atividades de formação que valorizem a memória dos professores e suas práticas profissionais têm boas chances de serem bem sucedidas como parece ter sido a Rede de Trocas.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARROYO, Ofício de Mestre: imagens e auto imagens. Petrópolis, RJ: Vozes,2000.
- BENJAMIM, W. O narrador : considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In : Obras escolhida, volume I : Magia e técnica, arte e política. Editora Brasiliense, 1975.
- BRAGANÇA, Inês F. de S. Memória, Narração e formação contínua de professores. Trabalho apresentado no Simpósio Internacional da razão e da prática na formação docente. Bahia/set/2001.

- COLLARES, Cecília A., MOYSES, M.AparecidaA.,GERALDI, João W.  
Educação continuada: a política da descontinuidade. In: Revista Educação e Sociedade: Campinas: Cedes, nº 69-1999.
- CUNHA, M. I. Conta-me agora! as narrativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. Revista da Faculdade de Educação, v.23, nº.12 , São Paulo, Dez/Jan 1999.
- LIMA, Maria Emília C. Os sentidos do trabalho mediados pela educação continuada em química. Tese de doutorado. Unicamp-FAE. 2003
- MARQUES, Maria Elizabeth. Autonomia-Heteronomia :um aprendizado nas sombras do passado. Tese de Doutorado , FAE-UFMG, 1998
- SCHUTZ, Alfred . Fenomenologia do mundo social: introdução à sociologia compreensiva. Buenos Aires: Editora Paidos.1972